

À ESCUTA DE **THEODOR REIK**

Marina Bialer (Org.)

Paulo Sérgio de Souza Jr. (Org.)

CAROLINA KORETZKI

DANY NOBUS

ÉRIK PORGE

JEAN-MICHEL VIVES

MARINA BIALER

NELSON E. COELHO JÚNIOR

RICARDO GOLDENBERG

Copyright © 2026 Artes & Ecos

EDITOR Lucas Krüger

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Luísa Zardo

REVISÃO Paulo Sérgio de Souza Jr.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E74

À escuta de Theodor Reik / organização de Marina Bialer e
Paulo Sérgio de Souza Jr. – Porto Alegre: Artes & Ecos, 2026.

132 p.; 15,5 X 22,5 cm

ISBN 978-65-87457-47-5

1. Psicanálise. 2. Teoria psicanalítica. 3. Escuta
psicanalítica. I. Bialer, Marina. II. Souza Jr., Paulo Sérgio de. III. Título.

CDU 150.195

Catalogação na publicação elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos —
CRB-8/9166

ARTES & ECOS 

Artes & Ecos
contato@arteseecos.com.br
www.arteseecos.com.br

ÍNDICE

- 7 **Apresentação**
- 13 ***Fluctuat nec mergitur*, ou: o que aconteceu com
a psicanálise reikiana? — Dany Nobus**
- 41 **Reik? Nunca ouvi falar — Marina Bialer**
- 63 **Notas sobre a importância de Theodor Reik para a
psicanálise contemporânea — Nelson Ernesto Coelho Júnior**
- 71 **Reik — Ricardo Goldenberg**
- 79 **A surpresa lacaniana — Carolina Koretzki**
- 93 **A questão do tato em psicanálise — Jean-Michel Vives**
- 105 **O inapreensível objeto do saber-fazer
na psicanálise — Érik Porge**
- 127 **Sobre os autores**
- 129 **Sobre os tradutores**

Apresentação

À *escuta* apresenta ao leitor algumas ressonâncias da obra reikiana, tendo como horizonte não somente a discussão do seu lugar na história do campo, mas também o valor de suas contribuições para os impasses da psicanálise contemporânea, notadamente no que concerne às suas críticas ao *psicanalitiquês* e à ortodoxia na formação em detrimento da aventura analítica. Em tempos atravessados, de uma parte, por institucionalizações, desembocando em uma psicanálise muitas vezes domesticada, engessada; e, de outra, pelas marcas da uberização, revisitar a obra de Reik é uma busca por recuperar toda a força criativa e a ousadia dos primórdios da psicanálise: um convite para revisitarmos e recuperarmos o seu caráter subversivo.

O livro se inaugura com um capítulo redigido por Dany Nobus, psicanalista que tem realizado uma admirável pesquisa de cunho histórico, com objetivo de resgatar o lugar de Theodor Reik no campo psicanalítico. A pergunta que atravessa seu texto — *o que aconteceu com a psicanálise reikiana?* — convida o leitor a problematizar tal esquecimento e, ao mesmo tempo, vislumbrar todo o potencial transformador da obra de Reik para os impasses da clínica e do pensamento psicanalítico atuais. Como nos lembra Nobus, Reik obteve, da parte de Freud, admiração e reconhecimento como um acadêmico brilhante, de um espírito criativo versátil e capaz de desenvolver perspectivas inovadoras. Em um estilo inegavelmente original, ele foi capaz de abrir mão de engessamentos, da rigidez técnica que muitas vezes contamina as instituições de formação psicanalítica e os analistas delas oriundos. E fez isso sem comprometer o rigor clínico: movendo-se entre um desvelar-se, exposições acadêmicas e crítica literária, “trabalhou e escreveu seguindo o verdadeiro espírito freudiano”.

Após o leitor acompanhar esse elucidativo artigo, que oferece valiosos percursos para a compreensão do apagamento de uma figura tão potente na história da psicanálise, o capítulo seguinte dá continuidade a essa empreitada, mergulhando em alguns dos principais pontos da reflexão reikiana. Enfatizando a originalidade, a independência e a liberdade de pensamento de Reik, Marina Bialer traça um panorama da obra do autor, inspiradora de uma transmissão de uma psicanálise não dogmática, pautada em um experienciar aberto ao ineditismo e à surpresa. Nesse texto o leitor poderá revisitar com novos olhos algumas das contribuições psicanalíticas ao campo do estudo das religiões, da psicanálise aplicada à literatura e à música, com destaque para a importância tanto dos “textos sociais” quanto a dos clínicos — nesse âmbito, enfatizando as inovações e os avanços reikianos à teoria da técnica, além dos aportes específicos à abordagem do masoquismo.

Nos capítulos seguintes o leitor poderá, então, descobrir outras ressonâncias do pensamento de Theodor Reik, especialmente no que diz respeito à teoria da técnica. Longe de repetir fórmulas fixas, seu pensamento antecipa, com notável perspicácia, debates que apenas décadas mais tarde ganhariam corpo na psicanálise. Nesse âmbito, o capítulo de Nelson Ernesto Coelho Júnior situa a relevância de uma comunicação entre inconscientes — na esteira de Freud e Ferenczi —, desembocando no original aporte do terceiro ouvido, discutido em sua relação com as noções atuais de contratransferência e de campo analítico. Em contrapartida aos demais textos do livro, o autor destaca a interlocução da obra reikiana com a filosofia fenomenológica; e no campo psicanalítico assinala suas ressonâncias em autores de língua inglesa, notadamente em Thomas Ogden e sua concepção do terceiro sujeito analítico. Nas ressonâncias da obra reikiana em Coelho Júnior, destaca-se como o analista assume um papel muito diferente do observador imparcial, sendo ele mesmo parte daquilo que observa — Reik, aliás, teve a ousadia de afirmar que a psicanálise é um “duálogo entre um inconsciente e outro.” Nesse âmbito, o texto nos fala de um analista implicado, que é parte da cena analítica, sendo afetado pelo que é dito, mas também pelo que reverbera nas palavras e nos silêncios: um analista disponível, empático, atento às palavras do analisando, mas também às repercussões em si do que essas palavras despertam.

Lembrando o estilo do próprio Reik, o original texto redigido por Ricardo Goldenberg fala para o leitor do impacto da obra reikiana e das contribuições desta tanto para “a” psicanálise quanto para psicanalistas de diferentes abordagens. É assim que conta para o leitor do impacto que teve nele a leitura de *O terceiro ouvido*: “Não compartilho seus pressupostos epistemológicos, nem seu entendimento teórico de muitos dos casos apresentados, mas reconheço ali um poder de transmissão da própria experiência de analisar e analisar-se comparável ao de Freud, e em tudo superior ao da grande maioria dos autores da escola à que devo minha própria formação”. Assim como no capítulo de Nobus, Goldenberg enfatiza o ato clínico, mas também político que foi tal publicação, destacando o papel questionador de Reik em relação às bases do que se pensava e praticava na psicanálise do pós-guerra, e de como podemos pensar a formação analítica em tempos atuais a partir dos desdobramentos da obra reikiana.

No texto de Érik Porge encontramos outro instigante debate sobre a transmissão da psicanálise: arena em que se destacam algumas das principais contribuições reikianas concernentes à passagem da posição de analisando à de analista. Um modelo de formação que rompia com toda ortodoxia — com concepções livrescas do saber e interpretações pré-fabricadas —, e que se abria a um saber-fazer na análise que convive com o risco, de um analista com disponibilidade à escuta do analisando e à própria escuta, uma receptividade às surpresas do discurso, inclusive àquelas que provêm do próprio analista. Um traquejo que é, portanto, o oposto da aplicação prática de uma regra teórica universal, mas que se origina no mais singular de cada um. Avançando a temática do tato esboçada por Freud, e em diálogo com os aportes lacanianos acerca da transferência, da posição do analista no ato analítico e da temporalidade da interpretação — assim como o tempo lógico em que esta é formulada —, encontramos aqui inúmeras ressonâncias reikianas.

É justamente a questão do tato que será tema do capítulo de Jean-Michel Vives, psicanalista que cita em vários de seus textos a importância de Reik para a construção de algumas de suas conceituações. Em seu texto, o autor afirma: “Proponho aproximar o tato, tal como Reik o define, do *Kairós* grego, que é uma figuração particular do tempo. Na iconografia grega, *Kairós* é representado na forma de

um jovem alado, nu, que tem os cabelos presos em rabo-de-cavalo. Ele é o deus da ocasião a ser aproveitada, do instante oportuno, voando por sobre o campo de batalha; a vitória pertence a quem for capaz de agarrá-lo. Trata-se, então, de aproveitar o instante oportuno, do qual dependerá o desfecho da batalha”. Por seu turno, o psicanalista destaca como a sensibilidade de Reik aos fenômenos sonoros possivelmente teve relevância para sua habilidade em identificar a relação entre tato, compasso e tempo no transcorrer da sessão analítica, o que ele articulará a uma original amarração reikiana entre pulsão, temporalidade e endereçamento, ao contemplar a dimensão vibratória (ressonante) da interpretação.

Curiosamente, por percursos distintos, tanto o texto de Vives quanto o de Porge, ao se debruçarem sobre as questões do tato, iluminando as contribuições reikianas ao tema, também abordam a aproximação da transmissão da psicanálise — desembocando no estilo singular de cada analista — com o surgimento do momento estético da criação artística, da experiência do artista entrar em ressonância com o que há de mais único em si. Nesse âmbito, Vives nos recorda da potência criativa que teve, para o poeta Rilke, o toque nas esculturas do mestre Rodin, e propõe que haveria algo do toque, das ressonâncias do encontro analítico, e o papel do analista para esse encontro do analisando com seu traquejo.

Se a surpresa, que se torna um conceito em Reik, perpassa vários capítulos do livro, é com Carolina Koretzki que ela será o tema principal. Na sua discussão de um “Reik com Lacan: o inconsciente como modelo de interpretação”, a autora valoriza o estilo reikiano de clinicar e transmitir. Conforme salienta: “Para Reik, uma vez que não se pode prever as formações do inconsciente, a técnica analítica tem de estar de acordo com a estrutura do inconsciente. Ele correlaciona a própria natureza do inconsciente e de suas formações com a impossibilidade de qualquer dogmatismo técnico.” Alicerçada em Lacan, a autora enfatiza o valor de uma interpretação ressonante, que não objetiva ser compreendida, mas produzir ondas. E, nesse âmbito, vale notar como a obra reikiana certamente o faz.

Enfim, antes que o leitor se lance aos capítulos que compõem este livro, é preciso sublinhar que este não é apenas um resgate de um esquecido autor do passado da psicanálise, mas uma circulação

de ideias que concernem ao presente da disciplina em seus fundamentos cruciais. Reik, com sua escuta afinada e sua escrita movida por inquietações, nos oferece um exemplo de inspiração: um psicanalista que, sem jamais negar a tradição da qual surgiu, ousou pensar, clinicar e escrever com originalidade, independência intelectual e liberdade, traçando seus próprios caminhos no panorama de seu campo. Que esta leitura, então, não se encerre em si mesma, mas provoque no leitor também as suas ondas.



***Fluctuat nec mergitur,* ou: o que aconteceu com a psicanálise reikiana?**

Dany Nobus

[Trad. Henrique Florindo Valverde]

Reik, não confundir com...

Desde que dei início à pesquisa sobre a obra e vida de Theodor Reik, raras vezes pude discutir meu projeto com meus pares docentes, colegas da academia e amigos intelectuais, sem ter que corrigir mal-entendidos simples, e ainda justificar meu objeto (e sujeito) estudado. O engano mais comum que surgia em conversas com pessoas em ambos lados do Atlântico era nada menos que um caso de confusão de identidade, e dessa forma meus interlocutores comumente expressavam um interesse real pelo trabalho, chegando mesmo a produzir comentários detalhados acerca de algumas das minhas interpretações; isto é, até o momento em que eles descobriam que Reik não era o descobridor do orgone, não inventou o *cloudbuster*, não foi preso pela Food and Drug Administration¹, e (o que é um tanto mais vergonhoso) nada tem a ver com uma técnica popular japonesa para redução de estresse. Por algum tempo acreditei que a confusão surgia da minha pronúncia ambígua de seu nome, ou da minha persistente falha ao não mencionar tanto o nome como o sobrenome; todavia, progressivamente percebi que isso refletia um aspecto chave da percepção pública

1 FDA ou USFDA, a agência federal do Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos Estados Unidos. [N.T.]

Reik? Nunca ouvi falar

Marina Bialer

Introduzindo Reik

No horizonte da história da psicanálise, alguns nomes, embora fundamentais, acabam obscurecidos por forças institucionais e pela resistência a vozes dissonantes. É o caso de Theodor Reik, um dos mais queridos pupilos de Freud, cuja marginalização no campo psicanalítico certamente não pode ser lida pelo crivo de ausência de produção escrita e/ou de falta de teorizações originais, mas — segundo minha hipótese — como reflexo de sua insistência em pensar livremente, em desafiar dogmas e em teorizar e praticar uma psicanálise sem as amarras do “psicanalitiquês”.

Em tempos marcados por excessivos dogmatismos, inclusive dentro da psicanálise, em tempos de um mundo impregnado por polarizações, simplificações e medo da diferença, revisitar a obra de Reik não é apenas um exercício de reconstrução do passado, é um ato político e clínico que se abre para a recriação do presente. Seu pensamento é desafiador — e é justamente por isso que vale a pena.

Então, como falar de Reik para tantos que ainda não o conhecem? Pensei em uma maneira de apresentá-lo que não fosse um livro (Bialer, 2020) de assustadoras quatrocentas páginas, como havia sido minha tentativa anterior. A brincadeira do título “Reik? Nunca ouvi falar”¹ se deve à constatação de que praticamente todos os que me ouviram comentando sobre o psicanalista, desde a escrita do livro até sua publicação, geralmente respondiam à temática com versões um pouco variadas de “nunca ouvi falar”.

1 Tomei como inspiração o título do livro de Clark-Lowes *Stekel? Never heard of him*.

Notas sobre a importância de Theodor Reik para a psicanálise contemporânea¹

Nelson Ernesto Coelho Junior

Inicialmente em Viena e depois em Nova York, Theodor Reik (1888-1969) construiu uma reflexão psicanalítica em que se destacam concepções teóricas e clínicas articuladas a uma original noção de terceiridade. Entendo que a obra desse autor teve influência principalmente em Thomas Ogden e em sua concepção do terceiro sujeito analítico, mas também nas noções mais atuais de contratransferência e de campo analítico. Para ele, era fundamental “aprender como uma mente fala com a outra para além das palavras, e em silêncio. Deve aprender a escutar com ‘o terceiro ouvido’” (Reik, 1948/2025, p. 169). Em nota de rodapé, Reik informa que pegou a expressão “terceiro ouvido” de Nietzsche (aforismo 246, *Para além do bem e do mal*)². A ideia de Reik é que o terceiro ouvido, o modo de escuta analítica, tem como característica ouvir o que o analisando fala, o que ele não fala, mas sente e pensa e, também, voltar-se para dentro, ouvindo as vozes interiores do próprio analista. Reik, em sua fase madura, depois de trinta e cinco anos de prática analítica, escreve seu principal livro (1948), em que enfoca a experiência psíquica do analista nas sessões de psicanálise.

Como se sabe, alguns psicanalistas pós-freudianos levaram adiante afirmações de Freud (e de Ferenczi) que apontam para uma comuni-

1 Texto originalmente publicado como subcapítulo do artigo N. E. Coelho Júnior “The origins and destinies of the idea of thirdness in contemporary psychoanalysis”, *International Journal of Psychoanalysis*, vol. 97, n. 4, pp.1105-1127.

2 Cf. Naffah Neto (1993).

REIK

Ricardo Goldenberg

“Moi, je ne suis pas un Freudiste.”

Freud (*apud* Reik, 1948/2025, p. 553)

Li *Escutando com o terceiro ouvido* (1948) na mesma época em que lia *Os ensinamentos de Don Juan* (1968), de Carlos Castaneda, *As portas da percepção*, de Aldous Huxley (1954), *A experiência psicodélica* (1964), de Timothy Leary, e devorava a ficção científica de Ray Bradbury, Arthur Clarke e Howard Fast. Tudo embalado, obviamente, com as músicas dos *Doors*, dos *Rolling Stones*, dos *Beatles* e da psicodelia. Embora fosse indiferente aos misticismos orientais para consumo hippie, de moda naqueles anos, não tinha passado despercebido para mim que Lennon optara por substituir Freud por Jung na capa de *Sargent Pepper’s Lonely Hearts Club Band* (dizem que por indicação de Yoko Ono).

Com um título evocativo do terceiro olho da mística hinduísta e que leva por subtítulo “A experiência interior de um psicanalista”, era inevitável ver neste catatau de Reik menos a apresentação da “ciência psicológica” de Sigmund Freud que uma saudação da psicanálise como ascese espiritual. E não acontecia só a mim, que ainda não contava vinte anos, lê-lo deste modo, já que uma crítica da época do seu lançamento o comparava, tanto pelo estilo quanto pelo conteúdo, a *Como fazer amigos e influenciar pessoas*, do pai da autoajuda, Dale Carnegie.

Relendo-o agora que sou um experiente psicanalista, percebo o quanto esta “introdução à psicanálise pelo ângulo da auto-observação e da autoanálise”, como o autor se exprime, teve efeitos formadores para mim. Não compartilho seus pressupostos epistemológicos, nem

A surpresa lacaniana

Carolina Koretzki

[Trad. Claudia Berliner]

No título escolhido, uma tese já se faz notar: o conceito de surpresa em Lacan teria uma especificidade própria, que o impede de ser totalmente assimilado a outras conceitualizações presentes na psicanálise. Realizar a investigação dessa especificidade nos levará a destacar as similitudes e diferenças com o trabalho feito por Freud em torno desse conceito e, mais particularmente, por Reik.

Reik com Lacan: o inconsciente como modelo de interpretação

Retornar aos mecanismos próprios ao inconsciente para fundar a interpretação constitui o apelo feito por Lacan buscando a renovação da interpretação, embolorada por anos de análise das resistências como única significação; era um apelo ao “retorno ao uso dos efeitos simbólicos numa técnica renovada da interpretação” (Lacan, 1953/1988, p. 294). No início de *Le psychologue surpris*, Reik (2001) enuncia que “a técnica analítica não é uma coleção de prescrições relativas à maneira de bem se comportar na análise. [...] Na análise, não se procede segundo princípios técnicos preconcebidos” (p. 35). Para Reik, uma vez que não se pode predizer as formações do inconsciente, a técnica analítica tem de estar de acordo com a estrutura do inconsciente. Ele correlaciona a própria natureza do inconsciente e de suas formações com a impossibilidade de qualquer dogmatismo

A questão do tato em psicanálise

Jean-Michel Vives

[Trad. Paulo Sérgio de Souza Jr.]

“Tarde ressoa o que cedo soou”

Goethe, epígrafe de Reik a

Fragment of a Great Confession (1949)

Theodor Reik foi um dos primeiros psicanalistas a se interessar pela questão do tato em psicanálise. A sua sensibilidade aos fenômenos musicais — e, mais amplamente, sonoros — permitiu-lhe rapidamente identificar a relação entre tato, compasso e tempo (Reik, 1935/2001, pp. 150-164) no âmbito da sessão analítica — na esteira de Freud, que já havia tocado essa questão em 1926 (Freud, 1926/2014), ao se interrogar a respeito do momento em que convém transmitir uma interpretação ao paciente. O pai da psicanálise, quando de seu texto sobre a análise leiga — que visava justamente defender Theodor Reik, que havia sido acusado de prática ilegal da medicina —, havia esboçado uma resposta para essa questão. Ele alerta o leitor sobre o fato de que, uma vez encontrada uma interpretação, é preciso esperar o momento oportuno para comunicá-la ao paciente. À pergunta “E como perceber o momento certo em cada caso?” (Freud, 1926/2014, p. 45), o tradutor francês das obras completas faz com que Freud responda assim:

É uma questão de tato, que pode ser refinado com a experiência. [...] A prescrição é esperar até que ele se aproxime deste a ponto de, orientado pela interpretação que você sugere, pre cisar apenas dar alguns passos mais (Freud, 1926/2014, p. 176).

O inapreensível objeto do saber-fazer na psicanálise

Érik Porge

[Trad. Vanise Dresch]

No que concerne à psicanálise, o saber-fazer pode ser considerado pelo seu lado bom ou pelo seu lado ruim. Pelo lado ruim, no sentido de uma manipulação indevida da transferência; pelo lado bom, no sentido de uma apreciação adequada dos posicionamentos da transferência. Esse aspecto bifacetado do saber-fazer, na verdade, está correlacionado àquele da própria transferência, que é, ao mesmo tempo, o fator de resistência e a força motora de um querer dizer. A face de dois gumes da transferência mostra que ela nunca é pura nem purificável, pois está intrincada à sugestão, da qual, no entanto, cabe distingui-la. Contudo, essa distinção não é simples e requer a articulação com outras coordenadas. Freud identificou esse obstáculo em seu artigo *A dinâmica da transferência* (Freud, 1912/2010, p. 106) e tentou contorná-lo: “Nós cuidamos da independência final do paciente ao utilizar a sugestão para fazê-lo realizar um trabalho psíquico que terá por consequência necessária uma duradoura melhora da sua situação psíquica”.

Pode ser tênue a linha divisória entre uma sugestão arbitrária, hipnotizante, e uma sugestão a serviço do “trabalho psíquico”, segundo o adágio de que os fins justificam os meios. Por isso, é preciso admitir a existência “de uma dimensão de sugestão em toda transferência (Plon, 1989, p. 91) “. Em seu texto, Michel Plon cita Lacan:

SOBRE OS AUTORES

Carolina Koretzki é psicanalista, doutora em Psicanálise pela Universidade Paris 8, membro da Escola da Causa Freudiana e da Associação Mundial de Psicanálise. Atualmente ensina no Departamento de Psicanálise da Universidade Paris 8 e no Mestrado em Teoria Psicanalítica Lacaniana na Universidade Nacional de Córdoba na Argentina. Autora de *O despertar: dormir, sonhar, acordar talvez* (Editora Autêntica).

Dany Nobus é psicanalista, professor honorário de Psicanálise na University College London, pesquisador fundador do British Psychoanalytic Council e ex-chair e fellow do Freud Museum London. É autor de inúmeros livros e artigos sobre a história, a teoria e a prática da psicanálise, entre os quais se destaca, mais recentemente, *Critique of Psychoanalytic Reason: Studies in Lacanian Theory and Practice* (Routledge, 2022). Em 2017 recebeu a Medalha Sartre da Universidade de Ghent em reconhecimento de suas notáveis contribuições para a historiografia psicanalítica.

Érik Porge exerce a psicanálise em Paris. Foi membro da Escola Freudiana de Paris até sua dissolução e trabalhou como psiquiatra responsável por um centro médico-psicológico (CMP) para crianças e adolescentes. Diretor da revista *Essaim*, publicou vários livros publicados e traduzidos para diversos idiomas.

Jean-Michel Vives é psicanalista e professor de Psicopatologia Clínica na Universidade Côte d'Azur (França). Membro do movimento *Insistance* em Paris e do Corpo Freudiano – RJ (Brasil), pesquisa a dimensão pulsional da voz e a gestão social do gozo a ela associado. Interessa-se pela teorização dos desafios psicológicos da prática teatral. Participou, como dramaturgo, de inúmeras encenações teatrais e óperas. Ministra regu-

larmente cursos e conferências em universidades de Nova York, Rio de Janeiro, São Paulo, Fortaleza e Toronto.

Marina Bialer é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, Doutora e Mestre em Psicanálise e Psicopatologia pela Université Paris, Pós-Doutora pelo Instituto de Psicologia da USP, graduada em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP. É autora de *Historiando a Psicanálise: vida e obra de Theodor Reik* (Coleção Ato Analítico/Editora Zagodoni).

Nelson Ernesto Coelho Junior é psicanalista, doutor em Psicologia Clínica (PUC-SP, 1994), professor e pesquisador aposentado do Instituto de Psicologia da USP. Idealizador e primeiro coordenador do curso de Especialização em Teoria Psicanalítica (COGEAE-PUC-SP). Autor, entre outros, dos livros *A Força da Realidade na Clínica Freudiana* (Escuta, 1995), *Adoecimentos Psíquicos e Estratégias de Cura. Matrizes e Modelos em Psicanálise* (2018; Editora Blücher) e *Ética e Técnica em Psicanálise* (2ª edição, 2008; Escuta), estes dois últimos em coautoria com Luís Claudio Figueiredo e organizador, com Adriana Barbosa, do livro *Sonhar. Figurar o terror, sustentar o desejo* (Editora Zagodoni, 2021)

Ricardo Goldenberg é psicanalista. Mora e atende em São Paulo desde 1983. Licenciado em psicologia pela Universidad de Buenos Aires, Mestre em filosofia pela USP e Doutor em comunicação e semiótica pela PUC/SP. Autor de, entre outros, *No círculo cínico ou caro Lacan, por que negar a psicanálise aos canalhas?* (2002); *Política e Psicanálise* (2006); *Do amor louco e outros amores* (2013); *Solidão e multidão (sobre Psicologia das massas e análise do eu, de Freud)* (2014); *Desler Lacan* (2018) e *Inconscientes* (2023).

SOBRE OS TRADUTORES

Claudia Berliner é psicanalista e tradutora. Graduada em Ciências Sociais pela USP e Psicologia pela PUC-SP, traduz do francês, espanhol e inglês para o português obras de autores do campo psicanalítico e das ciências humanas em geral. Já traduziu obras de Lacan, Masotta, Godino Cabas, Dolto, Green, Fédida, Aulagnier, Pontalis, Pichon-Rivière, Vigotski, Merleau-Ponty, Bergson, Ricoeur, Voltaire, Nasio, Roudinesco, Cassin, Badiou, Altounian, entre outros, bem como vários artigos em revistas de psicanálise. É a responsável pela revisão técnica de obras de Ferenczi, Foucault, Winnicott, Dolto, Reich, McDougall, Laplanche, entre outros.

Henrique Florindo Valverde é especialista lato sensu em Tradução de Língua Inglesa, e Semiótica e Análise do Discurso; Pós-graduação lato sensu em Língua inglesa e suas literaturas; Ensino de Língua Inglesa, e Sociologia. Graduado em Letras-Português-Inglês pela Universidade Cruzeiro do Sul. Formado em Filosofia pela Universidade de São Paulo.

Paulo Sérgio de Souza Jr. é psicanalista e tradutor. Bacharel e doutor em linguística pelo IEL-Unicamp, realizou pós-doutoramento pela Faculdade de Letras da UFRJ. Atuou como professor associado na Universitatea Alexandru Ioan Cuza, em Iași, e como tradutor residente no Institutul Cultural Român, em Bucareste. É pesquisador associado dos grupos de pesquisa Outrarte (Unicamp) e Tradução e Psicanálise (UnB), e coordenador da série “pequena biblioteca invulgar” na Editora Blucher. Autor de *O fluxo e a cesura: um ensaio em linguística, poética e psicanálise* (Blucher, 2023), assina traduções de diversos idiomas ao português brasileiro, sobretudo no campo psicanalítico.

Vanise Dresch é tradutora e intérprete de conferências, bacharel em Letras / Tradução nos idiomas francês e inglês pela Pontifícia Universidade

Católica do Rio Grande do Sul e especialista em interpretação de conferências pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul no idioma francês. Estudos em terminologia psicanalítica e jurídica. Tradução de artigos e livros técnicos para várias editoras. Destacam-se traduções de psicanálise para vários números da Revista da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, para as editoras Blucher, Sulina, Dublinense. Dentre os autores traduzidos recentemente em psicanálise, Jean Laplanche, Jacques André, René Roussillon, Marília Aisenstein, Anne Brum.



www.arteseecos.com.br

Este livro foi composto em ARNHEM e impresso na cidade de
PORTO ALEGRE, em FEVEREIRO de 2026.